Animatógrafo

DIRECTOR: ANTÓNIO LOPES RIBEIRO



VASCO SANTANA cómico extraordinário tem ao lado de RIBEIRINHO uma hilariante interpretação na comédia «O PAI TIRANO» da Prod. A. L. R.

2.ª SÉRIE — N.º 42 — PUBLICA-SE ÀS SEGUNDAS-FEIRAS — LISBOA, 25 DE AGOSTO DE 1941 — PREÇO: 1$50



VASCO SANTANA

tem na comédia

«O PAI TIRANO»

uma grande criação



Vasco Santana actor a que o público não resiste — actor que vence tôdas as plateias para as fazer rebentar a rir, tem andado longe do palco e da tela, a fazer saüdades a quantos apreciam o seu trabalho alegre, exuberante e irresistìvelmente comunicativo.

No palco já o público não o vê há uns meses. Na tela desde a «Canção de Lisboa» nunca mais andou a imagem do grande cómico português.

Pois, agora, com «O Pai tirano» vamos tornar a ver Vasco Santana num papel digno de enfileirar ao lado das suas melhores criações.





2.ª série / N.º 42 / Preço 1$50

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO na sede provisória, R. do Alecrim, 65, Telef. 29856. Composto e impresso nas Oficinas gráficas da EDITORIAL IMPÉRIO, LDA. — R. do Salitre, 151-155 — LISBOA — Telef. 4 8276 Gravuras da FOTOGRAVURA NACIONAL - Rua da Rosa, 273

Animatógrafo

Director, editor e proprietário: ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

25 de Agôsto de 1941

PREÇOS DA ASSINATURA

Ano . . . . 78$00
Semestre . . . . 39$00
Trimestre . . . . 19$50

Distribuidores exclusivos: EDITORIAL ORGANIZAÇÕES, LIMITADA — Largo Trindade Coelho, 9-2.º (Telef P. A. B. X. 27507) — LISBOA

NOVOS CAMINHOS PARA O CINEMA PORTUGUÊS

Terminam esta semana as filmagens de "O PAI TIRANO"

A primeira **Produção António Lopes Ribeiro,** que começou a rodar-se em 7 de Julho, estrear-se-à no EDEN no dia 19 de Setembro

Quando fundou o «Animatógrafo» António Lopes Ribeiro queria um jornal para defender o Cinema e vulgarizar e defender os bons princípios e os bons espectáculos de cinema e — principalmente, para apoiar a criação em bases de continuïdade, duma indústria nacional de cinema, sem o que não haveria nunca Cinema Português. Nasceu em boa hora o «Animatógrafo» porque, apesar de tôdas as dificuldades da época que atravessamos e de muitos outros espinhos que apresentava a realização dêste sonho dos nossos cinéfilos — apenas meio ano decorrido sôbre o aparecimento do primeiro número do nosso jornal abrem-se novos horizontes diante do Cinema-Nosso, do Cinema Português para a criação do qual António Lopes Ribeiro bramava e com tôda a razão, como agora se vê, «que era preciso não desanimar».

Nunca em tão curto espaço de tempo foi tão intensa a actividade dos estúdios portugueses. Além de dezenas de documentários e filmes pequenos, o «Animatógrafo» viu estrear «O Pôrto de Abrigo», viu filmar «Lôbos da Serra», «Ala, Arriba!» e o «Pai Tirano», primeira fita da primeira organização que em Portugal vai produzir filmes sonoros com regularidade. Em poucos meses o cinema nacional teve quatro fitas e tôdas diferentes de assunto e de finalidade. Não há dúvida que são todos de esperanças os novos horizontes do Cinema Português.

Terminam esta semana as filmagens de «O Pai Tirano»

Obedecendo a um plano de trabalho minuciosamente estudado e onde tudo prèviamente havia sido estabelecido, as filmagens da Produção número um de António Lopes Ribeiro terminam esta semana. O magnífico rendimento com que os trabalhos correram serviu para verificar a «máquina» que António Lopes Ribeiro criou para produzir os seus filmes e que, apesar de se encontrar pela primeira vez em laboração, provou com resultados evidentes a sua boa concepção e funcionamento. Mas produzir com continuïdade tem vantagens e oferece, a quem realiza o esfôrço de arranque, merecidas compensações. A brigada técnica da Prod. A. L. R. vai entrar no seu segundo trabalho sem se interromper e vai por isso melhorar com os bons ensinamentos da experiência todo o seu trabalho. Melhorar sempre tem que se transformar numa lei fundamental para a existência do Cinema Português.

Os inimigos do trabalho

Mesmo correndo de maneira a justificar as ideias mais optimistas não se pode dizer que as filmagens do «Pai Tirano» não foram prejudicados pelos inimigos do trabalho cinematográfico. Houve vários que se apresentaram na hora própria, que é sempre a hora em que fazem mais transtôrno e menos se desejam.

Uma avaria mecânica irreparável no momento cortou ao meio as filmagens no Alto de Santa Catarina que só se puderam concluir muitos dias mais tarde. Durante dias seguidos a equipe manteve-se alerta para concluir a cena mas o tempo não deixava por causa da forte ventania. E o tempo (que se revelou outra vez o inimigo n.º 1 das filmagens) interrompeu outra vez de madrugada, com uma chuva miudinha e irritante uma cena que só nos últimos dias da semana passada se conseguiu filmar.

«O Pai Tirano» apanhou ainda outro susto que o obrigou a suspender por dois dias os seus trabalhos — a falta de negativo que só com grandes dificuldades chegou da América, felizmente a tempo de impedir maior dano e em quantidade suficiente para nos deixar tranqüilos para o futuro.

Não há récita de gala no Eden a 19 de Setembro

Quando em sete de Julho se começaram a fixar as primeiras imagens do «Pai Tirano», estava já marcada uma data para a estreia do filme. Estão pràticamente prontos todos os trabalhos de filmagem do «Pai Tirano» que acabam nos primeiros dias desta semana. A data que foi fixada há pouco mais dum mês ao empresário Lopo Lauer mantém-se ainda: «O Pai Tirano» vai estrear-se no Eden a 19 de Setembro, dois meses depois de se ter começado a filmar. O caso é inédito em Portugal, revela a capacidade de trabalho dos agrupamentos técnicos portugueses, demonstra a necessidade da organização ousada e completa dentro da indústria cinematográfica e serve para convencer de vez os sinceros pessimistas que de facto estão abertos diante do Cinema nacional novos horizontes. Dizemos sinceros porque aos pessimistas-derrotistas não interessa a luta por esta conquista em que todos andavamos empenhados.

Vão adiantados já os trabalhos de preparação da segunda fita da Prod. A. L. R. — «O Pátio das Cantigas» cujos trabalhos no estúdio devem começar dentro de duas semanas. Vai repetir-se, e ainda mais apurado, o caso do «Pai Tirano»: um plano de trabalho, uma organização, um compromisso e a fita estreada dois meses depois. E depois do «Pátio das Cantigas» virá outra produção e outra e outra — porque já existe o Cinema Português.

Assim sendo, as estreias das fitas normais portuguesas vão passar a ser acontecimentos normais, vão deixar de revestir-se daquele ar de coisa rara, vai, portanto, deixar de ter récita de gala. E, assim, «O Pai Tirano» vai estrear como qualquer fita, normalmente, em jeito de produção contínua, sem récita de gala. Mesmo porque se assim não fôsse não haveria peitilhos nem colarinhos que resistissem tanta gargalhada vai haver. — P. H.

Morreu ANNIE VERNAY

Morreu Annie Vernay

A notícia sensibilizou-nos porquanto a gentilíssima actriz era, hoje, uma das mais curiosas certezas do cinema francês. O nosso público tinha-a fixado em «Tarakanova» e ficara encantado com a sua beleza e a sua mocidade. Não era ainda a estrêla fulgurante que domina o cérebro e o coração dos cinéfilos, mas sentia-se que tinha condições para subir mais alto.

Ingressara nos estúdios do seu país aos dezasseis anos. Bonita, elegantíssima, duma grande finura e distinção, Annie Vernay cativava produtores e realizadores. Era uma esperança, mas os cineastas depositavam nela tantas esperanças que não hesitaram em lhe confiar o primeiro papel feminino da versão sonora «Tarakanova». Pode dizer-se que uma das razões do êxito dêste belo filme foi justamente a interpretação de Annie Vernay.

Figurinha romântica, insinuou-se no público, que decorou ràpidamente o seu nome. Em face do êxito, os produtores escolheram-na para incarnar a personagem de Carlota, no filme «Wherter». E tão bela e deliciosa era a artista que o romance de Goethe — embora distanciado da psicologia contemporânea — encontrou acolhimento justo das platéias. O filme, embora muito cuidado, não interessou talvez vivamente o público, habituado ao dinamismo do cinema americano, porém Annie Vernay impô-lo com a sua boa vontade, com a sua ajustada interpretação, com o seu sorriso, com a sua juventude saudável e comunicativa.



Annie Vernay

Annie Vernay, que estava pa-

(Conclui na pág. 14)

ARIEL L. VARGES

O célebre «cameraman» das actualidades, de passagem em Lisboa, fala-nos da sua profissão e da sua vida

Uma entrevista por *Raúl* FARIA DA FONSECA



Ariel L. Varges, se o virem passar na rua ou sentado à mesa duma esplanada da Avenida, faz lembrar o hamburguês das gravuras, que não concebemos senão na companhia da alta caneca de cerveja de grande asa e tampa de metal; todo êle gordura e barriga, todos o tomariam pelo mais pacífico e inactivo dos capelistas, filho de capelistas, neto de capelistas e, decerto, pai e avô de capelistas. Mas, afinal, não há capelistas na vida de Ariel L. Varges; nem capelistas, nem pacifismos e inactividade, nem cerveja a decalitros. nem nada dessas coisas que, à primeira vista, julgamos adivinhar nele. De tudo isso, apenas restam a gordura, a barriga e, também, os olhos vivos e brilhantes, aos quais nada passa despercebido. Quando me falaram nele, reconstituí imediatamente, de mim para mim, a figura do *cameraman:* alto, sêco, magro e nervoso, de máquina às costas; calções de *golf*...

Mas Ariel L. Varges surgiu e, lá se foi a minha reconstituïção. Anda vestido como eu e, o que é mais curioso, a despeito de pesar, decerto, o dôbro do que eu peso, leva-me a palma em agilidade e ligeireza.

É o homem célebre mais modesto que conheço. Embora seja o mais notável e antigo dos operadores de actualidades, nunca fala nos seus feitos naquele tom habitual com que as *celebridades* contam as suas *aventuras famosas.*

Para Mr. Varges, ser operador de actualidades é ser um trabalhador como outro qualquer. Apenas essa profissão exige um pouco mais de actividade e de energia.

— «É necessário ter-se a consciência de que o operador de actualidades não tem domingos, nem feriados, nem horas de folga. Por vezes, passam-se semanas no mais absoluto repouso. Mas, quando há trabalho, deixa-se de comer e de dormir, se tanto fôr necessário».

Ariel L. Varges começou a vida como jornalista, fazia reportagens para os diários americanos.

Um dia — isso aconteceu em 1913 — surgiu-lhe uma oportunidade para tentar o mais emocionante de todos os géneros de reportagem — o das actualidades cinematográficas. Desde então, correu todo o Mundo e não há país europeu que não conheça... de antes e depois de 1914 e de antes e depois de 1938!

Pregunta-lhe se, com efeito, é sincera essa preferência.

— «Sem dúvida! — responde — Prefiro as reportagens cinematográficas às dos jornais, não só porque aquelas são mais emocionantes, mas ainda porque são também mais verdadeiras. Quem escreve reportagens... acrescenta um ponto; quem filma acontecimentos não pode deturpar a verdade. Só se filma o que se vê».

Ariel Varges fala-me, depois, do papel desempenhado pelas actualidades cinematográficas, da sua missão recreativa e cultural. Diga-se, de passagem, que é muito difícil entrevistá-lo. Quando se lhe pregunta qualquer coisa, faz-se muito sério e fica a pensar durante largo tempo na resposta. Mas, se abre a bôca para satisfazer a nossa curiosidade, então é dificílimo fazê-lo calar. Enquanto não esgota tôdas as suas recordações ou tôdas as suas opiniões, não pára de falar. E, ainda acêrca de actualidades de cinema, termina:

— «Hoje em dia, o público deixou de se interessar pelas actualidades de características meramente culturais e de divulgação. Aprecia-as apenas sob o ponto de vista político. Já em Portugal reparei nisso também. Os exibidores, para evitar manifestações desagradáveis, vêem-se na necessidade de fazer anteceder as revistas duma legenda especial, em que se pede calma e compostura. É êsse o meu maior desgôsto, não só porque representa um retrocesso na marcha da civilização, mais ainda porque prejudica a nossa vida de operadores de actualidades. Nos tempos que vão correndo, apenas vale a pena filmar o assunto da guerra».

— «Tem filmado esta?» — pregunto.

— «Com dificuldade. As censuras militares não nos deixam trabalhar à vontade. A Alemanha, por exemplo, tem os seus operadores, todos êles encorporados no exército germânico. Filmam tudo, mas, em regra, não apresentam todos os assuntos em público, porque os utilizam como documentos preciosos para fins militares.

Ariel Varges esteve na guerra de 1914, na de Espanha, na da China, na da Etiópia, etc.... Pode-se dizer que nem só uma delas lhe escapou. De tôdas, a que mais o emocionou foi a da Abíssínia, pela disparidade de recursos dos exércitos em combate.

— «Em Espanha, o momento mais impressionante que me recorda ter filmado foi o da entrada de Franco no Alcazar de Toledo, depois da heróica resistência dos cadetes e da libertação da praça forte. Jámais esquecerei êsse espectáculo emocionante, sobretudo a expressão de Franco, a um tempo dolorosa e radiante, quando o Caudilho, com os olhos rasos de água, fixava, ora a multidão delirante de alegria, ora as trágicas ruínas do Alcazar».

— «E na China?»

— «A China foi o mais rico assunto para os *cameramen*. Desde que os generais tivessem a certeza de que não nos serviríamos dos documentários para fins políticos, davam-nos as maiores liberdades. Também aí conheci um momento emocionantíssimo, quando o avião em que voava passou sôbre as muralhas milenárias».

— «Hollywood utilizou alguma vez os seus documentários em filmes de enrêdo?

— «Nunca. Apenas os alemães em «Capp Putch».

— «Mas, *Repórteres à prova de fogo*, de Gable e Loy, não tinha pedaços de documentário da guerra da China?».

— «Isso é uma história muito comprida... De facto, fui eu quem teve a ideia; mas alguém se aproveitou dela, fazendo os possíveis por estragá-la.

Pregunto-lhe porque se encontra em Portugal.

— «Porque pretendo seguir para a América. Já não sou preciso nos teatros de operações, porque não me deixam filmar senão o que não interessa ao público».

— «Nem mesmo na Chna?».

— «Nem mesmo na Chna! E, note-se: adoro a China. Vivi nesse maravilhoso país de 1930 a 1935 e filmei tôda a guerra da Mandchúria. Mas, agora, depois que se criou a censura no Oriente, já não oferece interêsse o exercício da minha profissão».

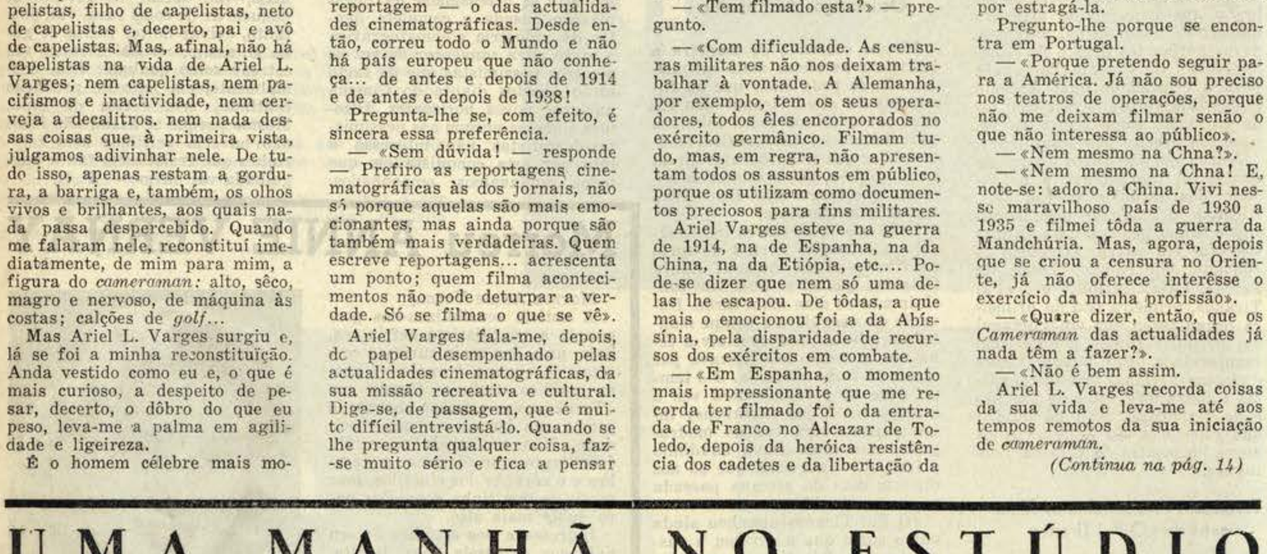
— «Quere dizer, então, que os *Cameraman* das actualidades já nada têm a fazer?».

— «Não é bem assim.

Ariel L. Varges recorda coisas da sua vida e leva-me até aos tempos remotos da sua iniciação de *cameraman.*

(Continua na pág. 14)

UMA MANHÃ NO ESTÚDIO



Arthur Duarte, além de técnico e artista profissional de Cinema não perde a oportunidade de ser fotógrafo, embora amador. Tem sempre a máquina carregada e surpreende, fixando no celuloide, imagens curiosas. Desta vez, em certa manhã... 1.º — Joaquim Prata ao sair da maquilhagem vem sorridente. 2.º — Vasco Santana mata a sêde na primeira torneira que encontra. 3.º — Armando Machado toma o pequeno almôço e arregala os olhos de satisfação. Três instantâneos que são três momentos de actividade de três artistas de «O PAI TIRANO»



FRED ASTAIRE

Conforme informámos recentemente, o famoso bailarino vai aparecer ao lado de Bing Crosby, no filme «Holiday Inn», da Paramount, para o qual Irving Berlin escreveu dezasseis números de música


A vida é um film....
filmar é revivê-la,
em absoluta realidade,
eternamente.....
Tôda a vida é acção, movimento. É o sorriso da mulher... as «traquinices» da criança... Um Ciné Kodak Oito tudo regista, sem perda do menor detalhe. Só êle fixará a vida tal qual ela decorre em cada instante.
Centenas de milhares de pessoas dedicam-se à filmagem como a uma das melhores diversões... Não perca mais tempo. Adquira o seu Ciné Kodak Oito e filme aqueles acontecimentos da vida que mais deseje conservar para todo o sempre... Será enorme o seu prazer!
Ciné-Kodak 8
O aparelho de filmar para toda a gente
KODAK, LIMITED — 33, Rua Garrett — LISBOA

PANORÂMICA

Um congresso internacional

Recentemente, efectuou-se em Berlim, um Congresso de Cinematografia internacional, a que assistiram delegações de numerosos países. A Itália, o Japão, a Hungria, a Eslováquia, a Roménia, a Bulgária, a Croácia, a Turquia, a Dinamarca, a Suécia, a Noruega, a Filândia, a Holanda, a Bélgica, a Espanha, a Suíça e os países do protectorado germânico estiveram representados. Portugal não estava representado oficialmente porque não houve tempo de tratar do assunto.

Todavia, esteve presente a tôdas as reüniões do Congresso o nosso amigo F. Quintela, da Lisboa Filme — conforme se pode ver num dos jornais da Ufa recentemente exibido na capital.

Nesse Congresso, ventilaram-se importantes assuntos relativos à cinematografia europeia, muito principalmente de ordem técnica.

Mirita e Vasco

Efectuou-se há dias o casamento de dois artistas muito queridos do nosso público: Mirita Casimiro, a intérprete de «Maria Papoila» e de tantas peças do teatro popular, e Vasco Santana, o impagável, e inimitável Vasco Santana a quem nos referimos hoje, e merecidamente neste número.

Um casamento de artistas é sempre um caso digno de registo, muito principalmente quando êles têm a popularidade e a categoria de Mirita e Vasco.

Por êsse motivo, «Animatógrafo» saúda aquêles dois artistas, que só contam amizades nesta casa, desejando-lhes um futuro próspero e feliz, que constitua uma colecção de êxitos e uma afirmação progressiva das qualidades que todos lhes reconhecem.

Seixas Pereira

Seixas Pereira, o estimado actor de teatro, é também um apreciável elemento de cinema. Os leitores vão ter ocasião de o admirar e de o aplaudir em «O Pai Tirano», onde interpreta o papel do Seixas, da secção de vidros, nos armazéns Grandela, e furioso dramático que tem de incarnar a personagem de um mordomo, na peça a exibir no Teatro dos Grandelinhas.

No nosso último número publicámos uma foto com Seixas Pereiras, mas convém rectificar a respectiva legenda. Assim onde devia vir o nome daquele actor, lê-se o de Vasco Santana. Ora, naquela cena, quem contracena com Barroso Lopes é, de facto, o Seixas... dos vidros.

Feita a rectificação, apraz-nos chamar mais uma vez a atenção dos leitores para o consciencioso actor que tem, em «O Pai Tirano», um trabalho digno de registo.

Pascal vai, Pascal vem...

Gabriel Pascal — que é, inegàvelmente, uma pessoa irrequieta — voltou a sair de Lisboa. Desta vez não foi, como êle ambicionava, para se dirigir a Espanha com os seus sessenta colaboradores e muitos camiões carregados de material de som. Pascal voltou à América, desiludido. A «United Artists» fechou os olhos ao prejuízo. Mostra esperança de realizar «Cristóvão Colombo», o produtor de «Pigmaleão» pôs também de lado, pelo menos por agora, o projecto de realizar um filme de envergadura sôbre «Vasco da Gama».

Pascal regressou a Hollywood. Sabe-se que vai produzir «The snow goose», cuja acção se desenrola, em grande parte, durante a retirada de Dunquerque.

Parece que Paulette Goddard será a protagonista.

O «VERDE-GAIO»

Que os gaios não são verdes sabem-no todos, com certeza, o que não impede a adopção geral da expressão comum e trivial de «o verde-gaio». «Verde gaio» é, no entanto, nome bonito e foi bem escolhido para o grupo coregráfico de Francis que o S. P. N., muito louvàvelmente, apresentou, em sessões populares, ao povinho sedento de bons espectáculos.

Cremos que o êxito obtido por estas formosas exibições no Coliseu excedeu a espectativa dos próprios organizadores. Nós vimos casas cheias, público interessado que assobiava os longos — embora necessários — intervalos e que aplaudia calorosamente cada número; ouvimos o estrépito de palmas espontâneas e arrancadas da alma e alguns gritos isolados, desprendidos da geral: «Bravo! Muito bem!» e o inevitável «Bis!»

Estes espectadores que aplaudiam tão frenética e vivamente não eram, na sua quási totalidade, freqüentadores do S. Carlos; não: eram elementos do povo, gente simples, sensível, que sabe sentir e sabe gostar. A gente pobre e humilde estava ali, comprimindo-se como em noite de circo: a mesma gente pobre e sã que viramos, noites seguidas, na Exposição do Mundo Português, boquiaberta e deslumbrada a folhear, pavilhão por pavilhão, oito séculos de história nacional.

Êsse mesmo público foi o tal que também encontrámos no Chiado Terrasse a aplaudir e a admirar «Poder e Glória», filme rejeitado por salões de grande classe, que o haviam considerado (ou desconsiderado) produto impróprio para os seus espectadores.

Ora, a soma dêstes três casos — Exposição do Mundo Português, «Poder e Glória» e «Verde Gaio» — leva-nos a uma conclusão curiosa.

Ouvimos dizer já, num grupo de revisteiros:

— Ora! não vale a pena fazer melhor! O público não sabe o que quere, o público não tem sensibilidade!...

Com esta frasesinha bastante triste procura-se afinal defender e esconder o mau gôsto dos autores, a sua mandrice ou o seu fraco espírito criador.

Demonstramos por A + B que o nosso público não é destituído de gôsto. Um público que compreende e gosta de ver a Exposição do Mundo Português — — «é tão bonita! ouvimos dizer a uma velhinha de chaile preto e lenço na cabeça; já aqui venho três vezes e não será a última!» (E esta mulher decerto viveria com dificuldade e roubaria ao almôço do dia imediato a quantia necessária para pagar a sua entrada no recinto) —; um público que aplaude e acorre, semanas a fio, a um filme de categoria — e até de transcendência — como «Poder e Glória»; um público que sente e vibra de entusiasmo perante o espectáculo exuberante de beleza criado pelo S. N. P. e realizado por Francis — não pode, de modo algum, ser apodado de alarve e de saloio. (E como êle soube distinguir a «Dança da Menina Tonta»!)

Tanto é verdade o que dizemos que o público foge aos teatros (e muitos são!) onde se representa mal!...

E, se enche as casas populares onde se exibem revistinhas baratas e de duvidoso gôsto, não é porque prefira ou aprecie o género: é que não tem melhor!

Cremos que o público mais «público», ou seja, o mais singelo e o menos culto, preferirá bons espectáculos a maus espectáculos. Porisso, êle nunca faltou às boas comédias, nem aos bons dramas, sabe quem é Greta Garbo e admira os bons intérpretes.

«Verde Gaio» — eis o melhor índice para quem serve a multidão que procura divertir-se.

Felicitamos daqui o S. P. N. por ter conseguido demonstrar — embora sem ter essa intenção — que o público português compreende e gosta dos espectáculos de arte, — de Arte com A grande, como o do famoso «Verde Gaio», por suas mãos criado.

MOTA DA COSTA

P. S. — Escrevemos estas linhas após a visão de certa revista, que nos fez recordar as belas noites do «Verde Gaio», no Coliseu.

E não pareça extemporâneo abordarmos nestas colunas tão curioso assunto, porquanto é sempre útil saber-se como reage o público e justo prestar homenagem à acção cultural do Secretariado da Propaganda Nacional. — M. da C.

«Rin-tin-tin» desmobilizado

«Rin-Tin-Tin», que os cinéfilos da velha guarda conhecem muito bem e que aplaudiram numerosas vezes em filmes dramáticos, foi um dos heróis ignorados desta guerra.

«Rin-Tin-Tin», o cão-actor que ganhou fortunas — ou melhor, que deu fortunas a ganhar a seu dono — Ted Michaud — fôra, como decerto sabem, mobilizado no princípio da campanha de França. Como muitos outros cães, «Rin-Tin-Tin» ingressou nas hostes auxiliares, servindo como agente de ligação e como elemento precioso das ambulâncias, trabalhando na descoberta de feridos, levando-lhes socôrro, e conduzindo até êles os maqueiros, os enfermeiros e os médicos.

«Rin-Tin-Tin», cão inteligentíssimo, foi sempre prestável e por vezes duma temeridade inaudita. Conheceu a guerra nas

(Continua na pág. 12)

A ÚLTIMA PALAVRA DO CINEMA ITALIANO



Vanna Vanni e Carlo Romano numa cena da comédia «Um marito per il mese d'aprile», realizada por G. Simonelli

por A. DE CARVALHO NUNES

Evocámos o nascimento do cinema italiano, a sua marcha por vezes difícil através de terrenos ainda não desbravados pela experiência, a grande mestra, e depois anunciámos que havia chegado a hora do seu ressurgimento.

Resta-nos dedicar algumas palavras ao panorama actual, ou seja fazer menção dos frutos mais recentes e apetitosos dêsse ressurgimento.

Contam-se hoje em Itália pelo menos quatro realizadores de primeiro plano.

Há quem compare Augusto Genina, tão nosso conhecido quando da sua actuação nos estúdios franceses, a Duvivier ou a Brown. Tem atrás de si uma larga obra, um passado que é um manancial de ensinamentos.

O homem que compôs em imagens a Sinfonia da Despedida, traduzindo como ninguém a alma duma gare à hora pungente da Partida, quando entre lenços que acenam e lágrimas que se furtam, o grito da locomotiva tem qualquer coisa de desgarrador e de humano, Genina, enfim, se aborda os mais diferentes géneros do espectáculo cinematográfico, mantém em todos êles o mesmo traço característico de forte personalidade.

A sua última realização «I Cadetti dell'Alcazar», obteve em Itália um esplêndido acolhimento.

Propósito arrojado êste, de trazer para a tela a gesta imortal de Moscardó e dos seus bravos companheiros. Mas compreende-se, também, que o cinema italiano se tivesse deixado seduzir por tão aliciante tema.

Genina fez face às dificuldades, traduzindo com dignidade a heroicidade do feito. A crítica aponta o «Alcazar» como um dos melhores filmes do ano.

O realizador Blasetti figura na vanguarda dos melhores valores do cinema italiano. «Esempio d'uomo innamorato del suo mestiere e d'artista istintivo», é considerado como o mais fiel intérprete da linguagem cinematográfica. O seu estilo traduz isso mesmo: joga com a luz e com o «efeito» cinematográfico, fugindo do processo teatral como dum pecado feio.

Será êle compreendido? Afigura-se-nos que sim, visto que a sua última obra, «Salvator Rosa» colheu o mais sincero aplauso da crítica, pela direcção vigorosa que acusa e pela pureza do estilo a que se mantém fiel.

A super-produção «Corona di ferro», cuja realização está presentemente em curso e em que se dispenderam avultadas somas, deve trazer para Blasetti a admiração dos cinéfilos mais desconfiados ou desprevenidos.

Camerini é talvez, dos realizadores de maior nomeada, o mais equilibrado, o mais *prudente*, como dizem.

Mas a sua realização, a que não falta um sôpro de poesia («Romantica Avventura», trabalho muito recente, confirma tal), tem sempre a harmonia e a robustez das boas construções arquitectónicas. É, em suma, um artista consciencioso, que se revê na sua obra.

Ainda há pouco tempo passou nas nossas telas um filme de Gallone «Manon Lescaut», e não poucas pessoas terão ainda uma vez chorado os amores infelizes e românticos de Manon.

Outras óperas têm sido realizadas por êle, como a «Cavalleria rusticana», «Don Pasquale», etc.

As realizações de Gallone encontram junto do público uma aceitação lisongeira, como aconteceu com «Oltre l'amore», «Melodie eterne», «Rose Scarlatte» «Pazza di gioia», «Follie del secolo», «Abruna Messias» e «Dora Nelson».

E como a lista não está completa, pode o leitor avaliar das qualidades de trabalho de Gallone e do favor que o grande púlblico lhe dispensa.

Não vale a pena prosseguir neste *desfiar* de nomes de artistas consagrados, a *desafiar* — infelizmente — a ignorância do leitor...

Apenas nos queremos referir a uma finalidade essencialmente prática de que informa a produção italiana.

Se ela não fôsse atingida, o espectáculo seria uma mera manifestação artística.

Ora exige-se mais do que isso: o cinema deve trazer para o primeiro plano a vida, no que ela tem de superior, de anseio de perfeição.

Bom filme será aquele que leve a mocidade a admirar tudo quanto é puro, nobre e generoso.

É bem de ver que só se poderá fazer um mundo melhor — com homens melhores.

*

Da parada de valores que constitui hoje o cinema italiano uma certeza ressalta, e é essa que nos apraz trazer a público: *tal como se apresenta nos nossos dias, o cinema italiano merece ser trazido até nós.*

Mais: *a bem da nossa cultura cinéfila, é mister passar nas nossas telas uma selecção cuidada*

(Conclui na pág. 14)



«La corona di ferro» tem uma encenação luxuosíssima. Alessandro Blasetti, o realizador, não se poupou a esforços para apresentar uma super-produção de categoria. Gino Cervi e Elisa Cegari interpretam os primeiros papéis

INTÉRPRETES DE «O PAI TIRANO»

Tereza Gomes e Armando Machado

Dois artistas cómicos de grande valor, têm duas hilariantes interpretações no primeiro filme da produção António Lopes Ribeiro



O bufete é uma dependência, absolutamente indispensável em qualquer teatro de amadores que se preza. Tereza Gomes e Armando Machado não podiam deixar de visitar o bufete para tomarem qualquer coisa... antes da representação de «O Pai Tirano ou o último dos Almeidas...»

Tereza Gomes. Um nome de uma artista, por demais conhecida, que desnecessário se torna apresentar. Um passado glorioso iniciado aos 25 anos de idade como corista na Companhia Taveira.

— Foram oito anos de actividade obscura — contou-nos — no tempo em que para ser corista era indispensável possuir-se qualidades de artista e voz, e não apenas, um corpo agradável como hoje acontece. Havia então o respeito pelas artistas, que é como quem diz, um respeito mútuo. Atingira a Arte teatral, nessa altura, em Portugal, o seu apogeu, e um dia os artistas da Companhia organizaram um espectáculo dedicado às coristas em que estas interpretavam os seus papéis e vice-versa.

Alguém notou então o jeito cómico que Tereza Gomes deu à personagem que interpretou e passado algum tempo foi convidada para representar um dos papéis da revista de Eduardo Schwalbach «O Pé de Meia». E tão bem resultou o seu trabalho que não houve revista do autor de «A Bisbilhoteira» em que Tereza Gomes não entrasse.

Um dia, em 1933, organizou-se a Tobis Portuguesa e Continelli Telmo ia realizar «A Canção de Lisboa». Tereza Gomes foi chamada para interpretar, acompanhada de Sofia Santos uma das figuras do filme: — as tias do Vasco. Recorda hoje, os trabalhos por que passou e sorri ao lembrar alguns momentos agradáveis:

— Uma vez o Chakatuny, caracterizador do filme, pintou a Sofia Santos e eu depois ao encontrar-me com ela, notei que trazia um pequeno buço e não pude deixar de pensar: a Sofia deixou crescer o bigode.

Mas, após o almôço, verifiquei que êle já não existia e preguntei-lhe intrigada: — Sofia, que fizeste ao teu bigode?

«—?

«—?

«— Possìvelmente comi-o!

«Fiquei deveras surpreendida, mas depois compreendi. Era tudo maquilhagem, que o Chakatuny tão bem sabia fazer!

Para Tereza Gomes é bem mais fácil trabalhar no Cinema que no Teatro.

— É certo — acrescenta a notável característica que no Cinema se derrete um pouco mais as banhas, mas confesso que para mim me agrada muito.

«Mas há mais: O Cinema valoriza extraordinàriamente o trabalho do artista. No Teatro tudo são, por vezes, dificuldades, invejas, injustiças e maledicências. No Cinema, encontra-se uma seriedade que nem sempre existe no Teatro. Compreende-se portanto quanto eu simpatizo com o Cinema. Ah! Se eu tivesse sempre trabalho no Cinema deixava de trabalhar para o Teatro.

Tereza Gomes, característica inconfundível declara que prefere a comédia.

— Não me sinto bem — disse-nos — ao interpretar uma personagem dramática, mas ao contrário, isto é, na comédia, sinto-me como peixe na água.

«Assim, ao conhecer o meu papel de «O Pai Tirano» tive uma enorme satisfação. Representei com tôda a minha alma, e espero, que apesar de pequeno, êste meu trabalho agrade.

«Sou artista de teatro e sou também cinéfila. Há um actor que adoro ver representar: Harry Baur.

A governanta do palacete que se apaixona pelo Machado e que não perde a ocasião para molhar os beiços, figura que Tereza Gomes anima com a sua veia de grande artista cómica, vai obrigar a manter-se de gargalhada em gargalhada o espectador que assista à exibição de «O Pai Tirano».

ARMANDO MACHADO

No tempo em que o «Fado» era a mais célebre e popular das operetas portuguesas, quando por tôda a parte se cantavam as canções da que foi modêlo e inspiração de tanta peça do mesmo género, Armando Machado era um jovem actor que se havia estreado havia pouco tempo e que logo no seu primeiro trabalho tinha despertado a atenção do público e da gente de teatro.

Armando Machado tinha-se estreado na companhia Taveira no ano de 1919 na revista que tantos êxitos devia obter na sua longa e popular carreira — «o Zé da Castanha».

A carreira do popular actor tem sido longa e rica.

Uma tarde tomava Armando Machado o seu café no «Palladium» quando apareceu o Artur Duarte para o levar a fazer uma prova cinematográfica. António Lopes Ribeiro filmava o «Gado Bravo», precisava dum bom cómico para contracenar com o grande Sigfried Arno: escolheu Armando Machado. Foi assim que se ganhou um magnífico actor para o Cinema Português. Machado apaixonou-se também pelo trabalho do estúdio e sempre que lhe deram novas oportunidades de aparecer diante da câmara nunca mais faltou: — Era o «Polícia» da «Maria Papoila»; na «Aldeia da Roupa Branca» interpretava o «Zé da Iria» guarda-freio da carris de Lisboa; nos «Lôbos da Serra» cabo da guarda-fiscal, amigo inseparável do sargento Batata que Manuel Santos de Carvalho interpreta e finalmente em «O Pai Tirano» Machado será o contra-regra dum grupo de amadores dramáticos... além de caixeiro do Grandela.

Armando Machado é entre a gente do teatro um dos mais animados e engraçados conversadores. À volta dêle todos riem com as anedotas e as piadas do Machado. Há dias quisemos saber quais eram as suas impressões mais fortes no Teatro e no Cinema. E o Machado contou:

«Olha, uma vez no Brasil, andava a visitar alguns elementos dominantes da colónia portuguesa para propaganda da festa de despedida da companhia. Tinhamos arranjado um programa completíssimo com algumas boas atracções brasileiras e tôda a companhia no máximo rendimento. Falamos disto a um comerciante, dissemos maravilhas, contámos tudo e o homem ouviu-nos durante uma quantidade de tempo até que por fim preguntou — Mete box?

«Passei o dia mais triste da minha vida».

— E uma emoção do Cinema?

— A maior foi no «Gado Bravo». Eu devia passar a correr atrás do Siegfried Arno por uma rua fora. Começou-se a filmar e nós largámos. Mas quando chegámos a meio da rua surge da outra esquina um garraio tresmalhado. Não te digo nada — a corrida que se aproveitou foi a filmada ao contrário. O maior susto de todos os tempos.

Se nós dissermos ao leitor que Machado anda sempre alegre a filmar «O Pai Tirano» — já por aí pode começar a calcular que o seu porteiro-contra-regra vai caír no agrado do nosso público.

UM MUNDO NOVO NO MUNDO DAS IMAGENS!

HOLLYWOOD brinda-nos com algumas surpresas!

GRETA GARBO principiou a aparecer em público, nas festas da Cinelândia!

A fisionomia dos jornais modificou-se bastante nestes últimos tempos. Os títulos dos telegramas de guerra engordaram, ao passo que os outros emmagreceram. Os acontecimentos do dia, os «fait-divers» que a reportagem por vezes explorava exaustivamente, quási desapareceram para ceder lugar às notícias vindas pelo telégrafo sem fios de tôdas as frentes, muitas vezes seguidas dos respectivos desmentidos para serem publicados no número seguinte...

Tudo o que não seja «guerra» é resumido em duas linhas displicentes. Em tôrno de qualquer assunto que versa aquele tema podemos discorrer à vontade, certos de que milhares e milhares de leitores acompanharão até o fim as nossas considerações por mais prolixas que sejam. Tenho pena do cinema e dos seus soldados. Nem um nem outros despertam a menor parcela de interêsse.



Anuncie-se a queda de uma cidade, o afundamento de um submarino, o torpedeamento de um navio de guerra — e isso sim, será emocionante, será recebido com alvorôço, com certa volúpia sinistra pelos amantes de notícias sensacionais.

Numa hora de catástrofes grandiosas, o casamento de Judy Garland ou a presença de qualquer importante vulto da tela forçosamente passam despercebidos como factos menores indignos de notícia. O próprio criminoso, que mata a sogra com vinte e cinco facadas, deve espantar-se ao ver que o jornal não traz a sua gravura na primeira página — êle que esperava ficar em evidência com o seu triste feito!

Os acontecimentos cotidianos foram relegados para plano inferior. O público prefere saber se se registaram avanços na «frente tal» ou se a «cidade tal» não é inexpugnável, como dizem certos técnicos. A guerra é o grande motivo de distracção nos dias que correm. Há, até, quem deixe de ir ao cinema para ficar em casa, de pijama, lendo os jornais ou ouvindo no seu aparelho de rádio de ondas curtas notícias que nunca conferem umas com as outras...

Antigamente, apesar da sua magreza, os nossos jornais ainda encontravam espaço para tudo, espaço para as figuras gradas das élites políticas mundiais e para os simples celerados lombrosianos. Do mesmo modo, o mundo do cinema não se via despojado da publicidade. Não seria aquilo que nós, fiéis adoradores dêsse Deus mágico feito de celuloide, quereriamos. Mas, deixá-lo! O cinema não deixava de estar presente nesses minguados quartos de páginas.

Agora, o caso mudou de figura. Ninguém, como os cinéfilos, desejará com mais fôrça a terminação desta guerra cruel, pois ela sepulta-lhes no esquecimento e reduz-lhe a importância dos seus ídolos feitos de sombra e luz. E para nós — isso é grave. Êste interêsse pela guerra, êste desprêzo em que vão caindo as outras coisas, é sintoma capaz de gerar apreensões. Sempre tive para mim que um povo só começa a deixar de ser feliz quando começa, também, a pensar em coisas sérias...

O cinema é, ainda hoje, o verdadeira cidadão do Mundo. Não sei quem criou esta expressão concreta, ilimitada e profunda, que não distingue raças nem fronteiras. Ela é feliz. Mais ainda: é eloqüente. E quantas coisas interessantes, dignas de nota, vão por êsse mundo das imagens!? Não julguem que exageramos. Reparem nesta página e vejam como estas gravuras não foram postas aqui para «encher».









Greta Garbo domina tudo. É a sua última fotografia. E que diferença dos seus antigos retratos! Os seus cabelos loiros escorridos desapareceram para dar lugar a uma cabeleira tratada, retocada por qualquer famoso «mestre escama» de Hollywood. Garbo civilizou-se! Abandonou o seu ar de «metida consigo» e começou a aparecer nos centros de cavaco e de diversão da capital do cinema. Está diferente — e bem diferente! Deixou de ser a esfinge, deusa misteriosa — que tomava banhos de sol nos seus jardins rodeados de muros altos. O seu sorriso é de quem não sente na sua alma triste a saturação da glória e da fama. É mesmo de quem já não se recorda das suas colegas de barbearia, onde, humilde e operária, ensaboava os fregueses.

E para quê? Elas continuaram a mastigar o seu anedótico triste de todos os dias, a ensaboar caras e a dependurar vestidos nos seus corpos de carne loira, ao passo que ela, a Greta, a Divina Greta, a antiga figurante dos filmes de publicidade de Estocolmo, é arquimilionária, célebre, desejada...

Recomendo, agora, esta imagem de um par feliz que regressa da sua viagem de núpcias. É Judy Garland e o seu marido, o conhecido director de orquestra Dave Rose. Vêm de Las Vegas — essa terra de Nevada, onde há certas visões de paisagem ao luar que parecem feitas em verso. Vêm de um cenário de sonho que justifica aventuras, idílios inocentes e onde, mesmo no inverno, se pode amar, deitado na neve como se nos espojássemos numa paisagem primaveril coberta de flôres brancas...

Mais abaixo, têm Victor Mature. É o novo ídolo feminino das cinéfilas americanas. Não pode imiscuir-se entre a multidão sem temer o perigo de lhe rasgarem em tiras o fato. É uma feliz mistura do tipo Valentino com o tipo «gangster».

E, para terminar, estas duas gravuras de Flower Parry e de Jackie Coogan. Ela, como o seu próprio nome diz, são 19 anos em «flower». É a nova esposa do eterno «Garoto de Charlot». Os noivos tiveram curtas férias visto aquele estar a servir, presentemente, como voluntário no Exército norte-americano. Uma das gravuras é prova evidente da sua actividade na tropa.

Como vêem, passa-se muita coisa digna de nota no mundo do cinema. Ainda brilham «astros» e «estrêlas» neste céu que num drama profundo os homens se empenham em cobrir de lágrimas e de crepes como se não houvesse escombros da outra guerra, leivos de mortes, catedrais mutiladas, órfãs, viuvas, feridos e dores!

AUGUSTO FRAGA

No próximo núme o:
UMA VANDERBILT CASA COM UM ASTRO!

ENCONTROS E DESENCONTROS DO CINEMA PORTUGUÊS COM PORTUGAL

CUIDADO COM A FICÇÃO!

Os dias de mercado, na minha terra, eram dantes o domingo e a terça-feira e são agora a terça-feira e o sábado.

Uma noite, fui eu ao teatro, a



ver «Os lôbos», interessantíssima peça de João Correia de Oliveira e Francisco Lage, superiormente interpretada pela companhia do Teatro Nacional, dando a minha direita, no camarote da direcção, a um velho amigo, velho fidalgo, pessoa muito distinta, embora, por vezes, tratada ou apontada com certa ironia, por ter o fraco, nada invulgar em gente de idade, de se julgar, ou querer parecer, sempre moço, sempre elegante, sempre requintado.

Pois no fim do primeiro acto, levantou-se o meu amigo e quando eu julgava que íamos dar a nossa volta pelo largo corredor dos camarotes ou no salão, êle despede-se de mim, num suspiro de enfado, e vai a retirar-se, vestindo o seu agasalho.

Com surprêsa lhe pregunto se está incomodado, se quere que o acompanhe a casa.

Responde-me, simplesmente:

«Gente de pé descalço, vê-se por aí ao domingo e à terça-feira, até demais...»

E lá se foi embora, com o seu desdém e o seu tédio.

Aqui está um indivíduo, um gentil-homem, um espírito, que o cinema português dificilmente satisfaria.

Mas nem só êsse género de indivíduos tem o mesmo género de exigência. Suponho que ela se encontra em tôdas as classes e com variadas intenções; se uns desejam continuar a ver no cinema os seus ambientes mais ou menos familiares, outros pretendem conhecê-los, curiosamente; se alguns saboreiam assim, como se as vivessem, circunstâncias de confôrto e de luxo, também haverá quem lhes espreite as fraquezas, as inferioridades, os ridículos; se temos os que apreciam o bom-gôsto ou a arte dos arranjos de interiores, dos mobiliários e das decorações, e os jardins, e os parques, certamente se fixarão mais, outras atenções, nos trajos, nas fardas, nas casacas, nos vestidos de noite, e nas jóias, e nos adornos...

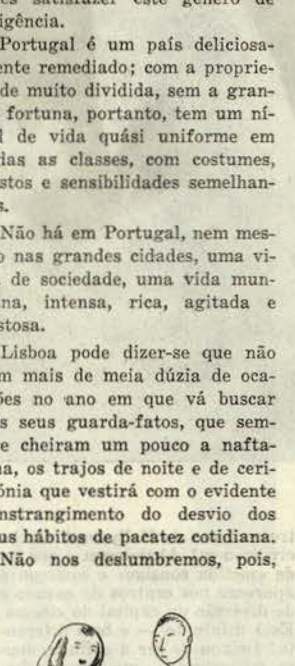
Difícil, ou só muito fictìciamente, poderá o cinema português satisfazer êste género de exigência.

Portugal é um país deliciosamente remediado; com a propriedade muito dividida, sem a grande fortuna, portanto, tem um nível de vida quási uniforme em tôdas as classes, com costumes, gostos e sensibilidades semelhantes.

Não há em Portugal, nem mesmo nas grandes cidades, uma vida de sociedade, uma vida mundana, intensa, rica, agitada e vistosa.

Lisboa pode dizer-se que não tem mais de meia dúzia de ocasiões no ano em que vá buscar aos seus guarda-fatos, que sempre cheiram um pouco a naftalina, os trajos de noite e de cerimónia que vestirá com o evidente constrangimento do desvio dos seus hábitos de pacatez cotidiana.

Não nos deslumbremos, pois,



com a ilusão de que podemos fazer fitas cujos entrechos se passem nos grandes meios elegantes, ou cosmopolitas, em que qualquer capricho é caro, qualquer apetite, uma ruína e qualquer deslise de cortesia ou de aprumo, um escândalo irremediável.

Nem nos desgostemos do nosso trem de vida, do nosso viver mediano, tranqüilo, virtuoso, de pura, singela suficiência.

Episòdicamente, e aproveitando algum dos eventuais afluxos de gente estrangeira que procura sossêgo e refeições de mais de um prato, nesta pobre Europa revolta e jejuante, poderia, talvez, o Estoril fornecer meia dúzia de quadros para um filme de mundanais aspectos e superfino enrêdo, a que não faltaria alguma das autênticas e fugitivas *estrêlas* que ali esperam o «Clipper» para, como estrêlas cadentes, cruzarem, deixando o traço vivo do seu esplendor, nos céus do Atlântico, até à América, acolhedora ou desconcertante.

Mas seria então um filme internacional, passado na nossa terra, falado em quatro ou cinco línguas, um filme poliglota, cuja acção se desenrolaria, sem prejuízo, na Grécia, antes da invasão, ou em Barcelona, depois da guerra civil, e só teria de português o local, o Palace e o Casino, a luz e a paisagem.

Ora o cinema português, deve, essencialmente, dar a conhecer e evidenciar o meio, os costumes, as características felizes e construtivas da Raça e da Nação, na sua existência e nas suas projecções.

Já um tanto se tem abusado do folclórico, ou antes, já bastante se tem mal-aproveitado e é preciso muito bom senso, equilíbrio e são critério, passe o lugar-comum, para não cairmos no *chinfrim*.

Faz isto lembrar o que aconteceu há uns trinta anos com a arquitectura portuguesa.

Com a mais alta, portuguesíssima e apaixonada intenção, lançou Raúl Lino, num livro em todos os seus aspectos, superior, com o título — «A Nossa Casa», as bases, os princípios fundamentais duma arquitectura que procurava os seus motivos e as suas soluções nas tradições nacionais e regionais, na experiência e ensinamentos que os homens focam colhendo e executando, através dos tempos, e conforme os climas, as altitudes, as paisagens, as condições e influências das nossas províncias.

Numa dúzia de projectos, como espécimens, apresentava o que deveriam ser as habitações do Minho e do Algarve, da montanha e da beira-mar, dos lugares mais diferentes de Portugal.

Foi um sucesso, um triunfo e... uma tragédia.

Pouco tempo depois, não havia mestre de obras que não fizesse *arquitectura portuguesa* e o país apareceu, como se uma epidemia tivesse grassado, alastrado por essas lindas terras, da cidade ou da vila ao campo, do vale à serra, da várzea à praia, do Norte ao Sul, cheinho de casas em que se multiplicam os telhados, os alpendres, as portas de postigo, as janelas de vidros pequenos, os painéis de azulejos.

Uma verdadeira epidemia e, como tal, uma horrorosa tragédia.

As organizações que se intitulam folclóricas, também estão a pedir regulamentação, «controle», censura, talvez.

Os grupos e ranchos, cantadores e dançarinos, começam a competir, nos figurinos por que se vestem, detestáveis estilizações que vão da couve lombarda ao *catitismo* de bairro, e nos reportórios de canções e danças bregeiras e provocantes, vêm já com-



petindo com os mais vulgares e mais tristes *naipes* de coristas das revistas de teatro.

Estamos na eminência de ver o próprio povo lamentàvelmente desfigurado, substituído pela sua caricatura.

Cuidado, pois, cuidado, cautela com a ficção!

ACÁCIO LEITÃO

NOTÍCIAS DE HOLLYWOOD

JOHN FORD dirige para a FOX o filme «How Green Was My Valley» que custará milhão e meio de dólares!

John Ford, um dos «Top names» entre os grandes realizadores americanos, dirigiu já esta época dois filmes recebidos pela crítica dos Estados Unidos com aqueles louvores a que a alta categoria do encenador de «Cavalgada Heróica» nos habituou. Um dêles foi «The Long Voyage Home», visto já entre nós com o título de «Tormenta a Bordo». O outro, para a Fox, foi a transposição cinematográfica «Tobacco Road», a peça de Jack Kirkland, antigo director de «Life» ex-marido de Nancy Carroll, que em Nova York obteve um êxito absolutamente fenomenal, conservando-se ininterruptamente no mesmo teatro mais de oito anos, tendo nesse período mudado de intérpretes principais mais de seis vezes!

Agora os dirigentes da Fox, onde John Ford tem trabalhado em numerosos filmes, desde os tempos já distantes do «Cavalo de Ferro» de 1924, confiaram-lhe a realização do filme de maior importância e de mais elevado



John Ford

custo que aquela emprêsa jamais produziu. Trata-se da adaptação cinematográfica da novela de Richard Llewelyn «How Green was My Valley», considerado na América o maior êxito de livraria depois de «Gone with the wind» — uma obra com um tema humano, em que o conflito emocional e os problemas nele postos apresentam separadamente interêsse para os espectadores de todo o mundo. Foi precisamente pelo seu aspecto de história de interêsse universal, e portanto com a quási certeza dum êxito total, que a 20th Century-Fox ousou investir na produção dêsse filme uma forma fora do vulgar, e agora mais que nunca, em que as economias são a regra em Hollywood — um milhão e quinhentos mil dólares!

Para se avaliar a grandeza da obra empreendida basta dizer que um dos «decors», construído em pleno campo, de Bent's Crag, local perto de Hollywood, réplica duma aldeia mineira, custou a bagatela de 110 mil dólares, dois mli setecentos e cinqüenta contos!

Interpretam o filme Roddy Mc Dowall, Walter Pidgeon, Anna Lee, Maureen O'Hara, Donald Crisp, John Loder, Patric Knowles, Sara Algood, Phys Williams, John Sutton, Arthur Shields, James Monk, Evan Evans e Richard Frazer. Toma parte também o côro negro de Tudor Williams, que não só cantará, como aparecerá em várias cenas.

Nas filmagens será também utilizada pela primeira vez uma nova «camara» que permite a sensação quási absoluta do relêvo. O maior segrêdo envolve a construção dessa aparelhagem a ninguém sendo permitido aproximar-se dela. Arthur Miller é o operador.

GRETA GARBO usa fato de banho e dança no seu novo filme

Greta Garbo, que como se sabe está já interpretando o seu novo filme para a Metro Goldwyn Mayer, uma comédia com o título oficial de «The Twins» «As Gémeas», sob a direcção de George Cuckor, interpreta um duplo papel, o de duas irmãs gémeas, mas de carácteres absolutamente opostos. É numa dessas figuras, a da irmã-rapariga moderna, *glamorous* e cultivadora do *flirt*, que Greta Garbo aparecerá de fato de banho, especialmente desenhado por Adrian.

Além disso Garbo dançará uma requebrada rumba com Robert Sterling, um novo artista que interpreta a personagem dum jovem actor que se enamorou daquela mesma irmã.

A distribuïção do filme, que é formada também por Melvyn Douglas, a actriz de teatro Ruth Gordon e Roland Young, foi agora acrescida de Constance Bennett.

Hollywood em pêso festejou os trinta e três anos de actor de cinema de HARRY CAREY

Harry Carey, é hoje talvez, apenas com Hobart Bosurrth — êste mesmo um pouco já afastado dos estúdios — o único actor de cinema gozando de categoria cuja actividade cinematográfica vem dos tempos heróicos do nascimento do cinema americano, datando a sua estreia de Julho de 1908, altura em que foi contratado para aparecer em quatro filmes de «cow-boys» para a pioneira National Film Dist. Co. Em 1910 David Wark Griffith trouxe-o, por sua vez, para a Califórnia para interpretar «The Sheriff's Baby».

Precisamente para festejar o 33.° aniversário da carreira notável e extraordinàriamente preenchida, do celebrado *Cayena* dos filmes do oeste, que o velho Central exibiu assinalável número de vezes, a Paramount organizou luzidos festejos comemorativos dêsse memorável acontecimento.

Cêrca de quatrocentos convidados, entre os quais se encontravam as mais representativas personalidades do cinema de Hollywood, deslocaram-se ao rancho de Harry Carey, em Sangus, na Califórnia onde tiveram lugar essas festividades que constaram, entre outros atractivos da projecção de numerosas cenas de filmes interpretados por Harry Carey durante a extraordinária carreira do protagonista de «Trader Horn». Entre êles foi exibido o primeiro filme interpretado pelo homenageado, intitulado «Bill Sharkey Last Game».

Além disso foi também exibido pela primeira vez, em «world-premiere», o último filme de Carey, «Shepherd of the Hills», da Paramount, em que êle interpreta o protagonista.

Os dirigentes da Paramount tiveram a preocupação de convidar para essa ocasião os realizadores com quem Harry Carey tem trabalhado, desde Oscar A. Lund, de 1908, até Henry Hathaway de 1941, alguns dêles já retirados, outros produtores e executivos de hoje: Howard Hawks, Wesley Ruggles, Michael Curtiz, Glenn Tryon, Lew Landers, Christy Cabanne, Wallace Fox, Garson Kanin, Frank Capra, Eddie Sutherland, Robert Florey, James Hogan, Les Goodwins, Stuart Heisler, Charles Lamont, Charles Barton, W. S. Van Dyke, Alfred Werker, Otto Brower, Elmer Clifton, Lambert Hillyer, Malcolm St Clair, Harold Young, D. W. Griffith, Fred Kelsey, John Ford, Jacques Jaccard, George Marshall, Stuart Payton, Robert Z. Leonard, Val Paul, Hunt Stromberg, Lloyd Ingraham, Scott Demlap, Reeves Eason, Dell Henderson Ed. Sedgwick, Clarence Brown, William Nigh, William Berke, Ford Beebe, Tod Browning, Jack Conway, Fritz Lang, Sidney Saltow e Edward M. Cohn.

A esta festa, simpática e enternecedora, assistiu também a mulher de Harry Carey, Mrs. Olive Golden, que foi a sua primeira «leading-lady», nos filmes de 1908!...

COISAS INDISCRETAS

Betty Grable, a nova paixão de George Raft

Os novos amores de George Raft estão chamando a atenção de Hollywood, onde ainda não foi esquecido o seu romance de amor com Norma Shearer, que só não resultou num casamento, certamente pomposo e certamente feliz, pois era flagrante a satisfação com que ambos conviviam, devido à intransigência da primeira mulher de Raft, que só a trôco de avultada espórtula consentia nesse divórcio. E como Norma encarasse com relutância uma situação mais ou menos falsa, preferiu pôr no romance um ponto final.

Betty Grable, a formosíssima rapariga, insinuante intérprete de «Sinfonia dos Trópicos», considerada pelos desenhadores de modas americanos como John La Gatta, Mc Clelland Barclay, Gilbert Bundy, Neysa Mc Mun e Alberto Varga a rapariga de mais bela plástica dos Estados Unidos, é hoje a paixão séria de George Raft, nunca ninguém os vendo, um sem o outro, em qualquer parte.

Betty Grable é divorciada de Jackie Coogan, continuando porém amigos, como se nada houvesse entre ambos.

Um novo «Tarzan»

O espírito imaginativo de Edgar Rice Burroughs, o autor celebrado de «Tarzan», continua a servir em grande parte de base dos argumentos dos filmes que a Metro Goldwyn Mayer periòdicamente lança no mercado, traçando as proezas e as aventuras, numa selva mais ou menos de fantasia, do par Johny Weissmuller-Maureen O'Sullivan, especialistas encartados das figuras famosas de Tarzan e da sua meiga companheira. De novo Richard Thorpe está dirigindo o filme desta época, que se intitula «Tarzan's Secret Treasure». O pequeno John Sheffield, que apareceu pela primeira vez no «Tarzan» que o Eden exibiu o ano passado, Tom Conway, actor inglês trabalhando agora em Hollywood, Philip Dorn e Barry Fitzgerald são os demais intérpretes de «O Tesouro Escondido de Tarzan», de que Clyde de Vina é o fotógrafo.

A reconstituïção da discutida retirada de Dunquerque

No filme de 20th Century-Fox, «A Yankee in the R. A. F.», interpretado por Tyrone Power e Betty Grable, que como o título deixa antever claramente traça as aventuras de um americano que, logo ao princípio da guerra, se alista nos Fôrças Aéreas inglesas, será reconstituída a tão discutida retirada de Dunquerque pelo exército inglês.

Para dar a essa seqüência, que terá no filme primordial importância, um cunho de perfeita autenticidade, encontra-se em Hollywood um oficial que tomou parte naquela batalha, que actuará como conselheiro técnico.

A FEIRA DAS FITAS

«LUZ QUE SE APAGA»

(The Light that failed)

Richard Carson, autor do argumento dêste filme, limitou-se a fazer simples transposição do romance de Rudyard Kipling (um dos primeiros publicados pelo escritor inglês), e não uma verdadeira adaptação cinematográfica dêsse livro. Já vai longe o tempo em que as obras literárias sofriam tôda a espécie de modificações ao serem vertidas para o cinema. Nessa altura entendia-se que a adaptação cinematográfica impunha a alteração sistemática da obra original. O público porém reagiu — porque não reconhecia na tela as novelas que tinha lido em casa. E então Hollywood adoptou o sistema de transpor com a maior fidelidade possível as obras literárias que resolve transformar em filme, chegando por vezes ao exagêro, nesse escrúpulo de fidelidade. A construção, as exigências formais, a estética romanescas ou teatrais são tão diferentes da cinematográfica que nem sempre é consciente manter no filme o que está no romance ou na peça, para se obter na tela o mesmo efeito dramático ou emocional. Por isso considero casos exemplares de adaptação cinematográfica o trabalho de Sidney Howard para o «Veneno Europeu» (adaptação do «Dodsworth» de Sinclair Lewis) e o de Charles Mac Arthur e Ben Hecht para «O Monte dos Vendavais» (adaptação do «Wuthering Heights» de Emily Brontë), por terem sabido transpor para o cinema êsses dois romances, modificando-os apenas no que era necessário (mas não hesitando em o fazer) e conseguindo transportar para o celuloide o seu espírito, a sua essência.

Richard Carson pecou, quanto a mim, por excesso de fidelidade, especialmente na primeira metade da sua adaptação. Daí resultou uma certa flutuação da intriga e do interêsse do espectador, cortada aliás por várias cenas que prendem a atenção por motivo de vária ordem. Depressa, porém, deixam de se fazer sentir os efeitos do exagerado escrúpulo do adaptador: a acção dramática intensifica-se e domina cada vez mais o público, num *crescendo* gradual, até ao fim do filme — tal como acontece no livro.

Em encenação da película, por qualquer aspecto por que se considere, é excelente. William A. Welman soube mais uma vez coordenar perfeitamente os vários elementos da encenação, de forma a obter o melhor rendimento de cada um dêles e o melhor efeito total. Merecem referência as decorações, orientadas pela competência de Hans Dreier, e o carácter de tôda a reconstituição da época (final do século passado). A realização tem coisas óptimas. São de citar o combate no Sudão, no princípio, em parte filmado de cima de um «praticável» de muitos metros de altura; as cenas de pose, muito bem marcadas; a carga de cavalaria final e o plano que fecha o filme, em que se vê o cavalo branco do protagonista galopar desde o fundo do horizonte até ao primeiro plano, onde jaz, sem se ver, o corpo do seu cavaleiro. W. Welman foi nessa cena, como aliás em todo o filme, muito bem servido pelo operador Theodore Sparkhul.

Ronald Colman tem no protagonista, o pintor Dick Heldar, mais uma bela criação. Considero Colman um dos melhores actores do cinema, e não será êste filme que abalará tal opinião, formada já há muitos anos — pelo menos desde o «Beau Geste», que vimos em 1927. De então para cá a sua segurança só tem aumentado, a sua proverbial economia de efeitos nunca foi desmentida, a sua personalidade tem vindo a definir-se e fortalecer-se. A carreira de Colman atravessou há tempo um período crespuscular que me parecia singularmente injusto. Felizmente estamos hoje a assistir a uma nova fase de brilho e prestígio, inteiramente justificada.

As excepcionalíssimas faculdades de Walter Huston não foram postas à prova pelo seu «Torpenhow», papel de limitadas exigências que êsse espantoso actor faz, como é óbvio, o melhor possível. Dudley Digges compôs uma curiosa figura de correspondente de guerra, que faz lembrar a famosa personagem similar imaginada por Júlio Verne no seu «Miguel Strogoff».

A actriz inglesa Ida Lupino — que pertence à dinastia dos Lupinos, populares artistas britânicos — obtem todos os sufrágios no desempenho de Bessie, uma pobre flor das ruas de Londres, e impõe a comparação com Wendy Hiller não só pela identidade da figura com a Elisa do «Pigmaleão», mas também por uma certa semelhança física e por uma nítida influência de processos de composição (especialmente na entoação). Muriel Angelus, que vimos há pouco na Sereia de «A Tortura da Carne», não impressiona melhor do que nessa sua outra interpretação. E é pena, menos por ela do que pelo equilíbrio do filme.

Há que anotar ainda a infelicidade da tradução das legendas, pormenor que começa outra vez a aparecer pouco cuidado, e da escolha da oportunidade para o famigerado segundo intervalo, que corta uma das cenas culminantes do filme. — D. M.

QUADRO DE HONRA

No filme exibido em Lisboa na última semana, «ANIMATÓGRAFO» chama a atenção do público para o que nele merece atenção especial

«LUZ QUE SE APAGA» (Paramount)

— **As interpretações de RONALD COLMAN (Dick Heldar), WALTER HUSTON (Torpenhow) e IDA LUPINO (Bessie).**

— **A propriedade e cuidado da encenação, dirigida por WILLIAM WELMAN com brilho e segurança.**

— **As cenas do combate no Sudão, das poses de Bessie e da carga de cavalaria final.**

Informamos que a inscrição nos Serviços de Selecção de Intérpretes, das PRODUÇÕES ANTÓNIO LOPES RIBEIRO está suspensa apenas temporàriamente. ANIMATÓGRAFO avisará os interessados logo que reabra a inscrição.

PANORÂMICA

(Conclusão da pág. 5)

suas fases mais cruentas e dolorosas. Certa vez, quando desempenhava uma missão importante, no Sector Wissembourg, foi gravemente ferido. O Alto-Comando francês recompensou a sua dedicação, premiando-o.

Agora chega-nos a notícia de que o famoso cão foi desmobilizado.

«Rin-Tin-Tin» volta ao cinema.

Segundo notícias telegráficas, o seu próximo filme será «Primeiro Baile», com Maria Dea.

Enfim, nos dias de hoje, a tão decantada vida de cão é apenas isto: heroicidade, sacrifício e trabalho!

Anna Neagle e Gracie Field

Passaram por Lisboa, a caminho de Londres, onde vão trabalhar num filme de homenagem à memória de Amy Johnson, a conhecida vedeta Anna Neagle e seu marido o realizador Herbert Wilcox.

No próximo número publicaremos uma entrevista com os notáveis criadores de «Sessenta anos de glória», «Rainha Vitória», «Irene».

A hora a que «Animatógrafo» fôr pôsto à venda também deve ter saído de Lisboa, no «Clipper» que trouxe Anna Neagle, a actriz Gracie Field, que se encontrava no Estoril e se dirige a Nova York.

Walt Disney no Brasil

Walt Disney, o célebre criador da «Branca de Neve e os Sete Anões» encontra-se no Rio de Janeiro, em companhia de sua esposa e dos seus principais colaboradores.

Disney assistiu, numa sessão de benefício organizada pela esposa do sr. dr. Getúlio Vargas, à exibição do seu último filme: «Fantasia».

A propósito, informamos que êste novo trabalho do famoso desenhador será projectado em Portugal, na próxima época.

Aos nossos assinantes

Como nos têm chegado aqui numerosas reclamações de assinantes que informam não receber o «Animatógrafo» a tempo e horas ou não o receber mesmo, ainda que fora de horas, vimos declarar não nos caber a responsabilidade do facto, visto êste hebdomanário ser expedido PARA TODOS OS ASSINANTES, aos sábados à tarde, com a máxima regularidade e sem excepções.

Todavia, agradecemos que nos comuniquem o que se passa, afim de reclamarmos providências.

O Correio de Bel-Tenebroso

Tôda a correspondência desta secção deverá ser dirigida a BEL-TENEBROSO — Redacção de «Animatógrafo» — Rua do Alecrim, 65 — LISBOA

1038 — ALL AMÉRICA *(Lisboa)*. — O primeiro filme sonoro exibido em Portugal foi *Sombras Brancas, nos mares do Sul*, de W. S. Van Dyke. — Fica entendido que serás um consulente assíduo e entusiasta. Podes escrever-me cartas grandes ou pequenas. Como quiseres!

1039 — AMAMOS AS MORENAS. *(Braga)*. — Não posso perceber a razão da vossa afirmação: «Também vimos *Pinocchio*, mas francamente, não gostamos nada do filme. Ficámos completamente, desiludidos». Ainda que cumprissem tôdas as condições Vv. nunca poderiam fazer parte do «Clube do Animatógrafo». Não gostar de *Pinocchio!?* — É lamentável que Braga tenha apenas cinema duas vezes por semana. Êsse facto dá a medida de exiguidade do nosso mercado. — Na próxima temporada veremos dois filmes de Deanna Durbin: *Parada da Primavera* e *Nice Girl*.

1040 — I LOVE YOU, JUDY GARLAND *(Espinho)*. — Tarde piaste, amigo. Ela casou, há pouco, com outro. — Recebi a tua carta em verso de pé quebrado e com rimas um bocado forçadas: «modernos a rimar com Óscar de Lemos» e «récordman» com «Judy Garland». Isso é futurismo, amigo, mas do mau... — Deanna Durbin e Mickey Rooney devem ser, pela certa, os dois astros mais populares em Portugal. Outros há que têm um enorme cartel: Garbo, Gary Cooper, Clark Gable, Charles Boyer, Jean Arthur, Lamarr, Lamour, etc... — O filme estrangeiro que detem o récord de permanência no cartaz é *Balalaika*. Mas não digas isto a ninguém...

1041 — HERMES *(Pôrto)*. — Se há mais de dez anos ias ao cinema, porque de cinemas gostavas, podes, perfeitamente, inscrever-te no *Clube do Animatógrafo*. — Êste leitor deseja cartear-se com *Antinea I, Pinocchia, Janetgaynórfila, Melita Sarreia Cabral, Miss Século XX, Uma gaiata cinéfila* e *Benjamina*.

1042 — ATIRADIÇO *(Lisboa)*. — Podes comunicar epistolarmente com a Judy Garland e a Maureen O'Hara escrevendo-lhes para Metro Goldwyn Mayer Studios, Culver City, Califórnia, e para RKO-Radio Studios, 780, Gower Street, Hollywood, Califórnia. — Se pretendes justificar o pseudónimo com as estrêlas da Cinelândia, tenho a impressão de que perdes tempo e trabalho...

1043 — OSLEC *(Pôrto)*. — Transmitirei ao João Mendes «os cumprimentos da rapaziada nortenha da Ada-Filmes». — A Gloria Jean é uma artista com talento e com futuro. Tenho a impressão de que, se os estúdios quiserem, ela chegará onde chegaram a Deanna e a Shirley. — O Mickey Rooney, suponho, não pensa por ora em dedicar-se à tarefa de realizador. Êle próprio declarou que guardava êsse recurso, para quando estivesse a decair como actor.

1044 — OLGA ROSA RIBEIRO *(Lisboa)*. — A Ingrid Bergman concluiu, há pouco, para a Metro, *Rage in Heaven*, um filme onde se estuda a alma dum criminoso. É sueca, de gema.

1045 — BOB TAYLOR *(Lisboa)*. — Podes escrever à Mary Beth Hughes para a Metro Goldwyn Mayer Estudios, Culver City, Califórnia. — Quanto às outras moradas que pedes, tem juízo...

1046 — SALUSTIANO — John Gilbert morreu há alguns anos. Disse-se que foi, de facto, uma das paixões de Garbo.

1047 — MANUEL, UM PESCADOR PORTUGUÊS. — *(Coimbra)*. — Folgo por que te hajas reconciliado com a Judy Garland. É, fora de dúvida, uma das artistas-jovens de mais futuro. E a voz?!Que assombro! — Êste leitor pede-me que transmita a *Antinea* e *Primavera* as suas melhores saudações e gostaria de saber o que é feito da leitora de *Cinéfilo* que, naquela revista, se encobria sob o pseudónimo de *Deanna Durbin* (Covilhã).

1048 — DANIEL *(Maceira-Liz)*. — Sê bem aparecido! Tenho o maior prazer em receber-te nestas colunas. — Podes escrever à Dorothy Lamour para a Paramount Studios, Hollywood, Califórnia. Dum modo geral, as estrêlas mandam foto sem exigir a prévia remessa de dinheiro. Mas, se não estiverem pelos ajustes, elas próprias se encarregam de o dizer, em seguimento ao pedido que formulares. — Kay Francis nasceu a 14 de Janeiro de 1906. Tem, portanto, 35 anos — É preferível aguardares melhor oportunidade para solicitares de Danièlle Darrieux a ambicionada foto.

1049 — AMEI, ETC. — Tem paciência, amigo, mas arranja outro pseudónimo. Êste, com três tempos de verbo, parece-me pouco cinematográfico... Se enveredassemos por semelhante caminho, onde chegaremos!? — Ficas inscrito no número dos meus assíduos leitores. — A tua carta foi transmitida em tempo. — Transmiti igualmente a Lopes Ribeiro a notícia do agrado com que acolheste *Feitiço do Império*.

1050 — GAROTA DE LISBOA *(Lisboa)*. — Espero que a estas horas tenhas visto *Sinfonia dos Trópicos*. É um belo filme. Êste ano, veremos Carmen Miranda em *That Night in Rio*. A famosa sambista está agora a interpretar *Week-end in Havana*, local onde eu não me importava de passar um sabado e o domingo, dada a minha paixão pelas cubanas e pelos charutos, dois «produtos» que só lá é que têm verdadeiro sabor. — O físico, em matéria de cinema, vale pouco. E a mais clara demonstração dêste facto está nos prémios de beleza que nunca passaram de «chorus-girls» e das Garbos e Hepburns, que sendo feias (na expressão académica das suas linhas) são artistas geniais. O «it» é complexo de difinir. Poderemos dizer que é o conjunto de qualidades e defeitos que nos atrai irresistìvelmente para uma pessoa do sexo opôsto. — *Alentejana dos Olhos Verdes*, pelo menos com êste pseudónimo, está ausente das nossas páginas. No entanto tenho a certeza de que ela está entre nós... — Transmito a *Pinocchia* as tuas saudações.

1051 — SWING CINÉFILO. — O semanário «Aventuras Policiais» pareceu-me um prodígio de engenho. — Deves dirigir-te à *Produção António Lopes Ribeiro*, para solicitares a autorização que pretendes. É possível que possam anuir ao teu desejo. Sôbre o assunto nada mais te poderei dizer.

1052 — CONDE AXEL DE FERSEN DA SUÉCIA *(Lisboa)*. — Greta Garbo não é considerada uma das primeiras «money maker star», na América, por várias razões entre as quais a do seu prestígio ser maior na Europa. — Porque motivo é que as raparigas gostam do Tyrone Power e do Robert Taylor? Pela mesma razão que tu admiras Betty Grable ou a Dorothy Lamour... — De todos os actores que citas, prefiro o Spencer Tracy. Mas é difícil dizer-te, mesmo dentro êles qual é o melhor actor!

1053 — PATO BRAVO *(Rossio do Sul do Tejo)*. — O livro «7.ª Arte», do nosso camarada da redacção Mota da Costa, serve plenamente a finalidade que tens em vista. — Escreve à Dorothy para Paramount Studios, Hollywood, Califórnia. — Atender-te-ei, sempre, com o maior prazer.

1054 — JACINTO *(Tomar)*. — Gostei muito da tua carta! Vejo que o teu amor pela Terra não embotou, mas afiou, a lâmina crescente da tua ironia. Que adoráveis críticas à *Balalaika* («o balalaiko canta indubitàvelmente muito bem — já a balalaika tem menos valor»), aos *Escândalos de Amor* («bem escandalosos pela insignificância»), ao *Sinal do Zorro* (registo o teu fraco «pelos floreados da espada francesa, se bem que a do Zorro te parecesse americana»), etc. Não há dúvida, «meu príncipe»! A permanência em Tomar não te fez mal. Mas tenho tido saudades tuas, sabes?! Saudades como as que sentes «das queridas árvores, quatro vezes mais velhas do que tu, arrancadas pelo ciclone»... — Compreendo o teu desgôsto por haveres falhado o *Pôrto de Abrigo* («Tanta esperança que eu tinha de vir a compreender a engrenagem duma espionagem de guerra»...). Vejo, Jacinto amigo, que continuas irreverente. Não resisto à tentação de transcrever aquele passo da tua carta em que comentas a foto do casamento da Deanna: «uma doce visão, ao lado de um caixeiro de mercearia». Pobre Vaugham Paul! E quem te diz que a felicidade não está por detrás dum balcão, nas mãos do homem que embrulha, em papel de jornal, uma quarta de sabão de amêndoa?! Nos tempos que vão correndo, são êles ainda que te podem presentear com aquele bacalhau, que te vi comer com tamanho entusiasmo, quando, pela última vez, vieste a Lisboa. — Espero que me tornes a escrever, quando a rôla cantar de novo... — Até agora só uma carta tua. Das outras duas, não tenho notícia. — Vi logo quem era a pessoa que poderia adoptar para pseudónimo o nome de «Meu príncipe», sem o deslustrar...

1055 — MORENINHA INSINUANTE II — Não te zangues Moreninha, que te fazes feia. Aqui há a confusão pela certa! O pseudónimo *Moreninha Insinuante* pertence a uma leitora do Funchal. Só essa tem o direito de o usar. De modo que não me voltes a escrever com êle, porque eu não o poderei aceitar, sob pena de continuarem estas confusões, que tanto te exasperam. Combinado?

1056 — UMA BONECA VOLÚVEL *(Funchal)*. — Respondo duma assentada, a três cartas tuas, que chegaram ao mesmo tempo à minha mão, se bem que da primeira à terceira vá mais de um mês de distância. — Podes escrever ao Tyrone Power e ao Richard Green para 20th Century-Fox Studios, Box 900, Hollywood, Califórnia. — *Maldição da Índia* é um bom filme. As cenas da inundação são feitas com invulgar realismo. — A Dorothy Lamour tem 27 anos. Aos 17, ganhava um concurso de beleza e era proclamada Miss New Orléans. Bendita a mãe, que a deu ao mundo! — Registo a tua declaração de que me receberás com música e foguetes, quando um belo dia eu fôr à Madeira. E deixa-me dizer te que não irei por causa das Gibraltinas, mas sim para conhecer as minhas simpáticas consulentes do Funchal: tu, *Uma Loira Madeirense, Uma Moreninha Insinuante*, etc., etc. — Transmito agora, em ramalhete, as tuas saudações a *Rey... sem trono, Luiz XV, Exilado do Mondego, Eva do Século XX, Joe Max, Caminheiro Solitário, Um admirador de Silvia Sidney, Ninon, Ninette Swing Cinéfilo*. — E até à próxima!

1057 — UMA LOIRA MADEIRENSE *(Funchal)*. — Respondo a duas cartas tuas: uma que me escreveste do Monte, outra do Funchal. A última resposta para ti apareceu lamentàvelmente «gralhada». Imagina que escrevi «madressilvas» e a «linotipe» gravou «*madrinhas*». — Fico ciente de que o «Monte» é, como o Bussaco, o refúgio favorito dos noivos. De resto, tôda a Ilha da Madeira, ao que me dizem, é um paraízo, mesmo para os celibatários.

Bel-Tenebroso

Ariel L. Varges

(Conclusão da pág. 4)

«A minha primeira reportagem de êxito universal foi a da bênção dada pelo Papa Bento XV em 1920. Até aí, o Papa jámais fôra fotografado para a tela, nem havia autorização para o fazermos. Alguém possuía o monopólio de fotografar o Vaticano. Calhou vir da América um grupo de certa Associação Católica, cujo único objectivo era obter a bênção papal. Pediram-me para filmar a cerimónia. Mas, como consegui-lo. Só havia duas soluções: instalar-me secretamente, com a câmara na Capela Sixtina, ou esperar pelo cortejo no exterior. Optei pela segunda forma. Montei a câmara num carro e pus-me de atalaia. Quando sua santidade passou e lançou a bênção aos americanos, dei à manivela. Mas, ao Papa nada escapava. Deu pela minha presença e eu não tive outro remédio senão fugir a bom fugir. Nesse tempo, as autoridades do Vaticano não tinham alçada fora dêle, para efeitos policiais, e as de Roma não queriam meter-se nos assuntos que ao Papa diziam respeito. De forma que o meu objectivo único consistia em atingir Roma. Vali-me da confusão que o caso provocou e, com efeito, daí a dias, a minha reportagem era disputada pelos exibidores de todo o Mundo».

E aqui termina a minha conversa com Ariel Varges, que anda preocupado com o regresso à América. Receia muito ter de voltar para Espanha. Os transportes escasseiam e as dificuldades consulares são cada vez maiores.

Faço-lhe uma única pregunta mais e êle responde:

— «Não! Não tenciono filmar seja o que fôr em Portugal. Para quê, se os espectadores só querem guerra e o vosso país é um prodigiso reducto da paz?!...»

RAÚL FARIA DA FONSECA

Annie Vernay

(Conclusão da pág. 3)

ra vir a Lisboa assistir à estreia de «Werther», acabou por só aparecer na capital portuguesa quando a guerra a perturbou na sua pátria.

Tinha casado; vinha a Portugal passar a lua de mel. Seu marido, um jornalista inglês, levou-a para o Estoril.

Os jornalistas, que têm bom faro, puseram-se em campo. «Animatógrafo» lançou-se também em pesquisas. Mas foi inútil. Os recem-casados não se encontravam ao alcance dos indiscretos. Nos hotéis, ninguém vira a formosa protagonista de «Tarakanova».

Afinal, os noivos, viviam numa residência particular, sossegados e tranqüilos. Quando foi possível descobri-los, era tarde: Annie Vernay e o marido iam mar fora, a caminho da Argentina, num camarote do «Cabo da Buena Esperanza».

A bordo, a actriz foi atacada de febre tifóide. Quando desembarcou, levaram-na para o hospital francês de Buenos Aires. Mas os cuidados médicos foram impotentes para salvar Annie Vernay.

Os restos mortais da protagonista de «Otages» foram inumados no Pantéon da Sociedade Filantrópica Francesa. Assistiram à cerimónia Louis Jouvet, artistas da sua companhia e actores argentinos.



Consta que Oliveira Martins vai dedicar-se a director de produção, por não concordar com as administrações de certos filmes. Para alguma coisa lhe há-de servir o curso de Ciências Económicas e Financeiras!

●

Quando, no Rio de Janeiro, Fernando de Barros viu Douglas Fairbanks Jr. na praia carioca, vestiu um roupão, correu a êle, pediu-lhe uma entrevista para «Animatógrafo» e, depois de ter a hora marcada com o protagonista de «A Patrulha da Alvorada», fez os cem metros na direcção das salsas ondas, desfez-se do roupão, experimentou os «biceps» e mergulhou na água, com a arrogância dum herói.

Mas, segundos depois, ouviram-no gritar, aflitíssimo:

— Socorro! Socorro! estou desgraçado! Isto só a mim! Só a mim! Sou um desgraçado! Sou um desgraçado!...

Fez-se um movimento na praia e alguns banhistas correram a deitar mão a quem assim gritava.

— Só a mim! só a mim! — berrava êle, escabujando e querendo mergulhar de novo, como se procurasse qualquer coisa. — Tenho uma entrevista marcada com o Douglas Faibanks Jr., para daqui a uma hora, e perdi o meu dente postiço!

CINEMA ITALIANO

(Conclusão da pág. 6)

dos melhores filmes italianos, porquanto o cinema português há de encontrar neles o que não pode buscar, por exemplo, nas produções americanas: — uma afinidade espiritual.

Para além do quadro italiano, e portanto latino, o espírito europeu, velho de muitos séculos, amálgama de muitas civilizações, paira nos filmes produzidos sob o sol da Itália.

No decorrer dum ano inteiro, a produção nacional faz emergir aqui e além oásis de frescura e expontaneidade, onde a nossa língua assoma por instantes para logo dar lugar a uma algarviada estranha ao nosso povo.

Como cinéfilos entusiastas, aspiramos que nos dêem o melhor que podem oferecer a Espanha, o Brasil, a Argentina, o México.

E não nos esqueçamos que aqui, na Europa, existe um cinema em maré de ressurgimento, prenhe de ensinamentos, exemplo de cinema independente de fórmulas mecanizadas, monótonas à fôrça de se repetirem.

Certamente, uma grande lição há a tirar do passado, do presente e do prometedor futuro do cinema italiano.

Assim a saibamos compreender — e aproveitar.

A. DE CARVALHO NUNES





O «4-H Club», organização americana da qual fazem parte milhões de filhos de agricultores, solicitou da Fox a realização da fita «Young America» para a qual foi aprovado um orçamento de $500.000, ou sejam 12.000 contos. Jane Withers será a estrêla e Louis King o realizador. As notícias chegadas até nós dizem-nos, não só que se trata duma iniciativa da juventude americana, mas ainda que os milhões de sócios do «4-H Club» colaborarão na fita. Eis uma atitude da mocidade digna de ser meditada, aplaudida e aproveitada.



Ao «city council» de Miami baixou o pedido, feito pela gente pobre da cidade, de se reduzirem os impostos dos espectáculos cinematográficos, uma vez por semana, de forma a permitir-se aos exibidores a iniciativa de sessões a preços reduzidos, as quais só poderão ser utilizadas pelos desprotegidos da sorte, mediante a apresentação de documentos que atestem pobreza. O pedido fundamenta-se no facto de o espectáculo de cinema constituir uma «necessidade moral». A Câmara tomou nota da petição e negoceia com exibidores e distribuidores a melhor maneira de se chegar a resultados práticos.

Se bem que, entre nós, o S. P. N. tenha tomado já providências de idêntico alcance, nem por isso esta idéia deixa de ser digna de aproveitamento pelas entidades portuguesas de quem o assunto depende.



Sidney Burton criou no «Variety» uma secção («Nix for Pix») em que sugere o que se deve evitar, à maneira de «coisas que não estão certas».

Em algumas das suas sugestões, sôbre as coisas a banir:

— O abuso das comédias de Marido e Mulher (Mr. and Mrs.);

— Os *Trailers* dos programas duplos;

— Os banhos das beldades, as corridas de motocicletas, o lançamento de navios à água e as peripécias dos *rodeos*, nos jornais de actualidades;

— A estupidez depressiva das comédias - complementares (de uma ou duas partes);

— As «lições» de amor, namôro e casamento, que os realizadores pretendem dar nos seus filmes;

— As estrêlas de cinema que se imaginam autoridades na solução de problemas universais;

— Os produtores que pretendem ensinar aos exibidores como se administra um cinema;

— Os exibidores que pretendem ensinar aos produtores como se fazem fitas;

—A justiça de «ôlho-por-ôlho», sugerida nalguns filmes;

— Etc., etc., etc.

Por esta pequena amostra, Mr. Burton não parece de todo impertinente. Oxalá, alguém o oiça e aceite, ou faça aceitar, as suas sugestões.



Michèle Morgan

Michèle Morgan, a famosa estrêla francesa que se encontra na América sob contrato da RKO-Rádio, envia-nos, de Hollywood, esta linda fotografia em que apresenta um lindíssimo modêlo indiano, criação de Edward Stevenson, mestre costureiro dos estúdios de além-Atlântico.

O vestido é maravilhoso e nele se combinam, por uma forma imprevista, três côres garridas: o azul, o branco e o vermelho.

Esclareçamos que Edward Stevenson quis prestar homenagem à França, ao criar êste modêlo único, para o guarda-roupa de Michèle.

A moda americaniza-se? — pergunta-se.

Depois de Paris, caberá a vez a Hollywood de ditar leis sôbre tão delicado assunto?

Eis o que se não sabe.

De qualquer maneira existe a moda americana, a moda cinematográfica, independente, viva, feita para viver o espaço duma manhã ou duma noite.

Porque, leitoras, não sabemos se já deram por isso, mas a verdade é que a moda universal é, hoje ditada pelos filmes.

A propósito, queremos informar que Michèle Morgan é a intérprete de dois novos filmes da RKO-Radio: «Joana de Paris» e «Jornada do Mêdo», duas produções de grande categoria.

Animatógrafo

DIRECTOR: ANTÓNIO LOPES RIBEIRO



CHARLES BOYER e PAULETTE GODDARD terminaram há pouco, conforme noticiámos, «HOLD BACK THE DAWN», para a PARAMOUNT

ÊSTE NÚMERO CONTÉM UM RETRATO-BRINDE: FRED ASTAIRE